

Repensando o perdão 1

Jonathan Hack

O perdão é uma ordem bíblica: “Pelo contrário, sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, **perdoando uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês**” (Ef 4.32).

Contudo, na prática o perdão apresenta diversas dificuldades de execução. Por isso vamos esclarecer nessa série de pequenos textos alguns conceitos que geralmente dificultam o cumprimento deste mandamento. Ao meditar sobre esse assunto, lembre-se que nosso parâmetro final é sempre o perdão divino como revelado nas Escrituras.

Perdoar não é desculpar

Algumas pessoas confundem perdoar e desculpar. Muitos só sabem dizer “Desculpe-me”, mas nunca falam “Por favor, me perdoe”. É importante entendermos bem a diferença conceitual, embora alguns dicionários até já incluam “perdoar” como uma das acepções de “desculpar” (pelo uso errado e comum do povo).

Desculpar é literalmente “declarar sem culpa”, des-culpar. Quando culpamos alguém, declaramos que ele é responsável pelo ocorrido; quando desculpamos alguém, fazemos o contrário. Por exemplo, se alguém me empurra e o líquido no meu copo é lançado sobre você, eu posso dizer: “Desculpe-me”, pois ao pedir desculpas, peço que me declare não culpado, não responsável pelo que aconteceu. No entanto, se intencionalmente eu jogar o líquido do meu copo sobre você, não posso dizer: “Desculpe-me”, pois a culpa é toda minha. Dessa forma, o pedido de desculpa deve se limitar a incidentes sem dolo, ou seja, sem intenção de prejudicar o outro. Igualmente o desculpar deve se limitar a circunstâncias similares.

Um pedido de desculpas pode ser acompanhado de justificativas, pois elas tentam comprovar que não houve má intenção da parte do ofensor. Se o ofensor é desculpado, isso significa que ele foi justificado, sua justificativa foi aceita, foi declarado novamente justo e sem culpa. O incidente pode até ser esquecido, pois o registramos como uma ofensa não intencional.

Ora, perdoar não é desculpar ou justificar o erro do outro como descrito acima, pois para perdoar é necessário admitir que houve erro injustificável que não pode ser desculpado. Embora perdoar também remova a culpa no final do processo, o caminho é diferente: o perdão só acontece quando reconhecemos que há uma dívida, uma ofensa culpável. Perdoar, pois, é exonerar a pessoa de sua dívida moral; é declarar que a dívida (sua culpa) não pesa mais sobre o ofensor. O perdão é a decisão de libertar a pessoa que nos feriu da culpabilidade resultante do seu ato (culpabilidade significa merecimento de punição).

Portanto, de modo diferente do desculpar, o perdoar exige um compromisso entre as partes envolvidas na ofensa: o ofensor precisa se arrepender e pedir perdão e o ofendido, ao perdoar, se compromete a cancelar a culpabilidade do ofensor. Essa interação permite que haja reconciliação e busca de restauração do relacionamento.

Reparação após o perdão

Então, perdoar também justifica o ofensor, mas por maneira diferente do desculpar. Ao desculpar, justifico o ofensor dizendo que ele não tem culpa; ao perdoar, justifico o ofensor declarando que sua culpa é real, mas eu o libero de todo merecimento de punição (sua culpabilidade). Entretanto, permanece alguma reparação a ser feita.

Quando Deus lida conosco, ele nunca nos desculpa, pois somos realmente culpados. Ele

sempre nos perdoa (libera da punição).¹ Contudo, como vemos no clássico exemplo de Davi e Bate-Seba, Deus perdoou Davi (2Sm 12.13; Sl 51), mas não o liberou de todas as consequências de seu pecado (2Sm 12.10-12,14), que se estenderam por muitos anos futuros. Essas consequências não são punição pela ofensa; são parte da disciplina necessária que Deus impõe ao ofensor para que ele seja transformado pelo que aconteceu.² Nosso paradigma de perdão precisa ser o padrão de Deus.

Da mesma forma, geralmente não podemos liberar o ofensor de todas as consequências de sua ação pois não temos poder para apagar a dívida criada. Por exemplo, posso perdoar o assassino de meu cônjuge pelo sofrimento e dano que isso me causou, mas não posso liberá-lo de sua culpa perante a sociedade. Ou posso perdoar o cônjuge que me traiu, renunciando à punição pela ferida causada, mas isso não implica em restauração imediata da confiança e intimidade que tínhamos antes, pois a ferida levará tempo para ser cicatrizada e precisará haver esforço mútuo para o relacionamento ser reconstruído (ou seja, não temos competência para declarar que está tudo bem e ignorar a ferida que precisa ser tratada). Ou ainda posso perdoar o irmão que me prejudicou financeiramente, mas seu arrependimento deve incluir uma reparação concreta dos danos.³ Em suma, o perdão não faz desaparecer magicamente o erro cometido e suas consequências, mas libera o ofensor para começar um caminho de reparação dos danos e restauração do relacionamento.

Em alguns poucos casos, o perdão pode isentar da reparação material, mas isso precisa ser decidido com sabedoria e cautela, pois a reparação exigida não visa punir o ofensor, e sim ajudá-lo a ser transformado por Deus em uma pessoa que não comete mais essa ofensa.

Como pedir perdão?

Pedir perdão é assumir que você é culpado pelo ocorrido e que está arrependido do que fez. Consequentemente, você precisa ter clareza sobre qual foi a ofensa cometida. Nunca seja vago e não use condicionais (“se eu feri você...”). Declare que fará reparação das consequências de sua ofensa. Sempre adote uma atitude de humilhação ao pedir perdão (2Cr 7.14), senão seu pedido soará vazio e falso, como se fosse um pedido de desculpas (sem assumir sua culpa).

Antes de pedir perdão, portanto, é preciso que você tenha entendido todos os elementos envolvidos: 1) entender qual foi a ofensa; 2) assumir sua culpa; 3) arrepender-se; 4) humilhar-se; 5) verbalizar o pedido de perdão; 6) propor reparação. Tudo isso precisa estar presente!

Portanto, se você acha que não tem culpa na ofensa ou dano gerado a outra pessoa, só peça desculpas. Se você tem culpa, peça perdão. Também fique atento para usar o verbo correto ao desculpar ou perdoar alguém. Se a pessoa ofendida não concorda com sua avaliação sobre a culpa, será preciso examinar o caso com mais detalhes ou chamar alguém para mediar a confrontação.

Em caso de dúvida, especialmente no casamento, recomendo em geral que você pressuponha que é culpado e peça perdão, em vez de buscar justificativas que o desculpem. A humildade de reconhecer seus erros e a contrição costumam produzir perdão generoso. Quando isso acontece mutuamente no casamento, desenvolve-se um relacionamento forte que supera as fraquezas individuais.

¹ Por isso também é totalmente antibíblico a ideia que corre em alguns grupos de “perdoar Deus” ou “liberar perdão para Deus” pelo sofrimento que ele permite em nossa vida. Fazer isso significa declarar que Deus é culpado (teve intenção de nos prejudicar). Um exame mais aprofundado da Bíblia revelará que Deus certamente é soberano e responsável em última instância pelo que nos acontece, mas nunca é culpado, pois sua intenção sempre é a de glorificar seu nome e nos revelar seu amor gracioso.

² Outro exemplo em que o perdão não evitou a disciplina divina é o de Nm 14.19-23 (os rebeldes foram perdoados, mas não entraram na Terra Prometida).

³ A Bíblia é bem clara quanto aos princípios de restituição em caso de dano (veja Ex 22).

Perguntas de revisão e aplicação

1. Explique a diferença entre perdoar e desculpar.
2. Quando você erra, como você costuma acertar a situação com os outros?
3. Quando os outros erram, como costumam acertar a situação com você?
4. Você adota uma atitude de humilhação e arrependimento ao pedir perdão?
5. Você costuma fazer reparação dos danos após pedir perdão?
6. Quais são os passos necessários para pedir perdão?
7. Quem você chamaria para mediar uma confrontação em que não há acordo sobre a culpa?

abril/2021